

Espaços públicos e espaços privados;

(Tese apresentada ao Institut Européen d'Ecologie, Metz).

Quem lê os últimos diálogos platônicos do ponto de vista da "segunda revolução industrial", não deixará de ficar surpreso. Descobrirá antropologia implícita que ilumina o nosso progresso rumo ao aparelho de usis e a mais autônoma com luz projetada debaixo. Tal leitura de Platão se propõe espontaneamente. O progresso científico e técnico brota de determinada visão do homem, da qual Platão é um dos responsáveis. Foi Hannah Arendt quem ensaiou tal leitura. O presente trabalho visa opôr ao pessimismo arendtiano interpretação mais adequada os propositos deste Instituto.

.....

Para Platão o homem é ente caído do reino das ideias, "topos uranikos", rumo ao terreno das aparências, "physis". Ao cair passou pelo rio do esquecimento, "letho". Mas há métodos de fazer lembrar as ideias esquecidas, os da "philosophia". Levam ao des-esquecimento, à verdade, "aletheia". De modo que o homem pode inverter sua queda e voltar a contemplar as ideias, "theoria".

Destarte três modos de vida são acessíveis ao homem. Platão os ordena hierarquicamente:

I: O homem pode integrar-se na "natureza", e esquecer as ideias. Esta é a vida privada (de ideias), "zoon oikonomikon", porque se passa na copa e cozinha, "oiké".

II: O homem pode lembrar-se das ideias e aplicá-las para mudar a "natureza". Esta é a vida ativa e pública, e se passa na feira, "agora".

III: O homem pode dar às costas à "natureza" e contemplar as ideias lembradas. Esta é a vida contemplativa, "bios theoretikos", e se passa no lazer, na escola, "scholé".

O modelo da hierarquia é a polis. Espaços privados, "oikai", cercam o espaço público, "agora", e estão abertos rumo à praça do mercado. Nos espaços privados laboram as mulheres e os escravos: cozinham, lavam roupa, trabalham no quintal, vivem "economicamente". Na frente das casas privadas estão os artesãos, (os donos de casa), e produzem bens a serem trocados por outros bens na feira: vivem "politicamente". Na praça do mercado passeiam pessoas que trocam ideias: vivem "teoricamente". Os artesãos têm base econômica: as mulheres e os escravos laboram por eles, e permitem o trabalho produtivo. As pessoas que trocam ideias têm base política: os artesãos abriram para eles a praça pública do mercado, na qual podem trocar ideias. Os escravos laboram, afim de permitir a produção, e os artesãos produzem, afim de permitir a teoria. O proposito da economia é a praxis política, e o proposito da praxis política é a teoria. Eis a pirâmide hierárquica que Platão abriga;

O clima do labor privado é o do condicionamento pela "natureza". Não é que quem labora é escravizado por outrem: quem labora é escravo pela "natureza" mesma do seu modo de vida. O clima da produção é o da liberdade.

2

Là aonde não há escravidão, (base económica), não há liberdade. O clima da teoria é o do lazer. Lá aonde não há liberdade, não há lazer, a liberdade é a base política do lazer. Se, (coisa inimaginável para Platão), os escravos fossem libertados, não haveria mais nem política nem teoria. A pirâmide ruiria, e todos seriam escravos.

Tal antropologia, segundo a qual a escravidão é a situação "natural" do homem, e a liberdade é meio para atingir-se sabedoria, é fundada sobre um conceito específico do tempo. O tempo do labor é cíclico: cosinha-se para comer, e come-se para poder cosinhar. É o ciclo absurdo da imortalidade animaloesca, "kyklos tés genéseos". Quem labora, (escravo, cachorro), é imortal: vive eternamente nos seus filhos. O tempo da produção, "poiesis", tem a forma de arco, "bios". Inicia-se no projeto da obra, e encerra-se na obra perfeita. É o arco que mede do nascimento até a morte, "biographia". O produtor é mortal. O tempo da teoria está parado, é o tempo das ideias imutáveis. O escravo é imortal como o é a "natureza", o teórico é imortal como o é a fórmula matemática, somente o político, o artista é mortal. O escravo é condicionado pela "natureza", o político é livre, e o teórico é determinado pela ordem das ideias, "logica", e a cada uma dessas formas vitais corresponde uma forma de tempo.

A liberdade é mortal. E é também enganadora. Quem aplica ideia à "natureza", quem produz, não muda apenas a "natureza", mas também a ideia. A soma dos ângulos de triângulo desenhado em areia não é de 180°, porque a areia deformou o triângulo. Quem fizer geometria com tais triângulos, terá visão errada das ideias, "doxa". O sapateiro não produz sapatos ideias, nem o homem político sociedade ideal. A vida produtiva, a vida política, é dogmática, impenetrável para a sabedoria; leva à morte e ao engano.

.....

Tal antropologia platónica resulta em utopia que vingou, em forma da pirâmide feudal, por aproximadamente mil anos. Na sociedade medieval a população do campo ocupa o lugar da economia, a burguesia cidadina o lugar da política, e o clero o lugar da teoria. O feudalismo é cidade platónica, na qual o campo sustenta economicamente a obra, e a obra sustenta politicamente a prece. Somente os artesãos são livres. Os camponeses e os monjes são condicionados. É a Igreja, a teoria, que salva do engano e da morte.

As revoluções burguesas do pré-renascimento reformularam a pirâmide platónica. Colocaram a política, a arte, a liberdade, no topo. Isto é: colocaram a burguesia no topo. Doravante não é a sabedoria que é a meta da vida, mas é a liberdade. A teoria fica subordinada à praxis, ("saber é poder"). A teoria deixa de ser contemplação de ideias, e passa a ser trabalho: manipulação de ideias. Uma forma de

arte. Duas artes resultam disto: a "bela", (a empírica), e a "técnica", (a que é informada por teorias). Tal divisão das artes produz o "progresso": produção de ideias novas, modelos novos, modas. É a "época moderna". Tal "progresso" se acelera com a primeira revolução industrial. No curso de tal época é observável progressiva decomposição da meta da vida. A liberdade, a produção se revelam metas pouco solidas. Se a sabedoria, a imortalidade das ideias imutáveis, a vida na prece, deixou de ser meta, a liberdade se revela "irsatz" duvidoso: é ameaçada pela morte. A vida ativa não substitui satisfatoriamente a vida contemplativa. Mas durante a época moderna tôda a base da pirâmide, a economia da escravidão, fica intocada: o proletariado a ocupa.

A segunda revolução industrial, a atual, está invertendo a pirâmide platônica ao colocar a economia no topo. Tanto política quanto teoria agora servem para sustentar a vida privada, para torná-la agradável. É a vitória do operário transformado em funcionário. A teoria sustenta agora a produção, e a produção sustenta o consumo. A sabedoria sustenta a liberdade, e a liberdade sustenta a função. A previsão platônica está se realizando: os escravos estão se libertando, e a sociedade tôda está se transformando em sociedade de escravos. A vida está ficando absurda, porque gira no ciclo do eterno retorno. O espaço privado domina, e no espaço privado não pode haver meta. Isto é observável em toda parte: nas sociedades socialistas tanto quanto nas sociedades neo-capitalistas.

.....

Para captarmos tal diagnostico, devemos analisar dois pares de conceitos. "Labor-obra", e "atividade-lazer". Laborar é sofrer. O operário, qual Sisifo, repete eternamente os mesmos gestos. Se a máquina o faz por ele, então ele consome eternamente os mesmos produtos que a máquina empurra na sua boca. Os movimentos do operário são previsíveis e programáveis, como o são os movimentos de bola de billard. Labora, dorme, come, nasce e morre em curvas estatisticamente projetáveis. Sofre a vida passiva do ciclo, do funcionamento.

Obrar é agir. É obrigar ideias a penetrar a "natureza", e obrigar a "natureza" a abrir-se para ideias. Antes e depois da obra há contemplação. Antes há a contemplação da ideia a ser realizada. Depois há a contemplação da ideia realizada na obra. O tempo do obrar está cercado de tempo contemplativo. Tempo livre. Operários não podem ter tempo livre, malgrado as férias e os fins de semana. O laborar não permite contemplação. Somente os artesões, os artistas, têm tempo livre. Mas não têm lazer, porque o seu tempo livre é função da obra.

Atividade é falta de lazer, "a-scholia". Idêntico desprezo da atividade transparece pelo termo latino "negotium", falta de ocio. O termo "scholé", lazer, está na origem do nosso termo "escola". A escola é o espaço do lazer, no qual ideias são contempladas, independentemente de obras. A academia e o liceu são lugares da salvação, porque salvam da ati-

vidade e da morte. São templos, (dos deuses Akademos e Iykeios), lugares reservados à "theoria". Escolas, isto é lazer, são impossíveis nos espaços privados do labor, e as instituições que chamamos "escolares" em tais espaços economicos são na realidade lugares de treino para o funcionamento. Quanto às "escolas" nos espaços públicos, as instituições científicas, artísticas e políticas, são na realidade lugares para a manipulação de ideias em função da economia, dos espaços privados. Atualmente escolas autênticas, lugar de lazer para a contemplação de ideias, são impossíveis: não há espaço para elas. As últimas escolas, as últimas "universidades", da nossa sociedade eram as da escolástica medieval. A nossa incapacidade para termos escolas é a razão profunda da dita "crise universitária".

A análise dos termos "labor-obra" e "atividade-lazer" permite captar o diagnóstico platônico da nossa situação da seguinte forma: Há tres espaços existenciais, o privado, o publico, e o da teoria. O espaço privado, o da economia, é o espaço da vida "natural", circular, absurda. O espaço publico a republica, é o espaço da vida artificial, da vida engajada. E o espaço da teoria, a escola, é o espaço do lazer, da vida contemplativa. Na utopia platônica o espaço privado sustenta o publico, e este sustenta a teoria. (Os filósofos são reis.) Na sociedade burguesa as escolas fecham, porque são ocupadas pela republica. Atualmente o espaço privado está invadindo a republica, e esta está fechando. Estamos nos tornando todos operários, funcionários, em suma: escravos. Isto é o totalitarismo.

.....


X A cidade pos-industrial, a do futuro imediato, será espaço privado. Não haverá nem espaços publicos, nem escolas nela. Alguns espaços se declararão publicos, mas o serão falsamente. Os mass media não politizarão, mas, pelo contrário, privatizarão os homens publicos que aparecem na tela TV ao os projetarem dentro do espaço privado. Os eventos publicos despolitizarão ao transformarem os cidadãos em massa. Os supermercados não serão feiras, mas programarão o consumo. Não haverá espaços ~~privados~~ publicos, porque a antropologia fundante da cidade pos-industrial concebe o homem enquanto escravo: ente que obra e consome. Daí ter a cidade pos-industrial dois espaços privados: o do labor e o dos dormitorios, os quais serão ligados entre si por canais programados: bulo, metro, dodo.

J Os modelos de tal cidade já foram elaborados. São o nazismo e o stalinismo. Todos os demais aparelhos, atuais e futuros, são aperfeiçoamentos de tais modelos. Aperfeiçoamentos, porque funcionarão melhor e serão menos aparentes. O funcionário do futuro será um Giermann aperfeiçoado: ente privado das ideias, irresponsável, eficiente. A cidade toda será Auschwitz aperfeiçoada: os seus habitantes funcionarão em função da função, absurdamente, e colaborarão com o aparelho no seu proprio aniquilamento.

É a célebre pergunta: "como filosofar depois de Auschwitz?" terá resposta espontânea na cidade do futuro. Não se filosofará, porque não haverá escolas.

Mas tal futurologia platonizante é convincente apenas se aceitarmos a antropologia platônica: o homem é "naturalmente" escravo, e pode ser "salvo" apenas graças às ideias. O próprio Platão, no entanto, permite que duvidemos de tal antropologia. Toda cidade, inclusive a "polis" grega, argumenta contra. Toda cidade é empreza que visa superar a solidão humana pela comunicação. A solidão é insuportável, porque é a consciência da morte: morreremos sos, e ninguém pode substituir-nos na hora da morte. A cidade, a comunicação, é método para tornar vivível a consciência da solidão da morte. De modo que ninguém está inteiramente privado das ideias: "relembra" pelo menos a ideia da morte. A prova é que mora na cidade. Vê-se a "imortalidade" pela comunicação com outros. Embora seja verdade que "naturalmente" somos todos condicionados, (em última análise: morreremos todos), não é verdade que somos inteiramente escravos platônicos: sabemos que morreremos. Por não ter admitido isto Platão é visceralmente intolerável. É visceralmente intolerável, porque minimiza a morte "natural", ao insistir no "epklos tés genescos". E embora a situação atual do totalitarismo aparelhístico incipiente pareça comprovar a futurologia platônica, não obriga a submetermos à ela. É possível reconstruir a cidade, forçá-la a abrir-se rumo à república, (à liberdade), e rumo à teoria, (a uma "vida boa"). É possível fazê-lo através a nossa abertura rumo à morte.

Por certo: Platão responderá que toda cidade é empreza fadada ao malogro. Todos os cidadãos morrerão, e morrerão na solidão, a despeito da comunicação, ("civilização"), que estabeleceram. Mas a civilização, (a vida cidadã), não é mero engano, "doxa". Imortaliza efetivamente, ao preservar informações adquiridas. Embora a morte "natural" continue válida, a civilização projeta outro nível existencial, o da "cultura", no qual as memórias dos outros, (os armazéns de informações), são a nossa imortalidade. Ao contrário do que Platão afirma, a política imortaliza. Somos imortais na medida em que "publicamos". O espaço público nos torna memoráveis. Ao contrário do que Platão afirma, não podemos dispensar de Homeros. Platão proibiu a entrada na sua utopia aos artistas. Mas eles são a nossa imortalidade. Platão só vê a "informação genética" e as "formas puras". Não vê a "informação adquirida", a história. Por não ter visto isto, prevê o totalitarismo. Mas nos não somos obrigados a segui-lo. A nossa consciência da historicidade do homem, (da sua mortalidade "natural" e imortalidade "cultural"), nos permite tentarmos reconstruir a cidade.

Podemos tentar fazê-lo em toda situação, inclusive a nossa. 

verdade que a cidade pos-industrial parece frustrar toda tentativa de reconstrução um tanto platonicamente. Obriga-nos a colaborar em seu funcionamento, quer laboremos, quer consumamos, quer trabalhemos, quer teoretiçemos: "recupera" todos os nossos esforços em reconstruí-la. O feed-back que o aparelho da cidade pos-industrial estabelece nos torna automaticamente colaboradores do totalitarismo. A verdade pois que vivemos desde já em campos de concentração aperfeiçoados. No entanto: já que somos conscientes da nossa morte, transcendemos a automaticidade absurda da cidade. E é a partir de tal transcendência que podemos tentar reconstruí-la.

.....

O que será proposto no resto deste ensaio será utopia que se moverá dentro das categorias platônicas. Necessariamente, porque Platão continua a informar-nos. Mas será utopia anti-platônica. Necessariamente, porque Platão é o que nos está ameaçando.

Aceitemos o diagnóstico platônico do "aparelho": é ele espaço privado que ocupa o espaço público, e elimina escolas. O que urge é pois abrir espaços públicos inacessíveis ao aparelho. Mas, paradoxalmente, para poder-mos fazê-lo, é necessário que se abram primeiro espaços privados inacessíveis ao aparelho. Porque é a partir de tais espaços privados, da "solidão para a morte", que espaços públicos são projetados. A solidão da morte é o motivo para a comunicação. Se publicamos, é para vencer tal solidão. A publicação é a saída do espaço privado. Devemos pois iniciar a reconstrução da cidade pela abertura de espaços privados dentro do espaço privado totalitário do aparelho.

Tais tentativas já existem em toda parte. Por exemplo as "résidences secondaires" da Europa ocidental, os "subúrbia" americanos, as "datchas" nos países socialistas. A solidão é tida atualmente por luxo. E há outro tipo de busca de espaço privado: as drogas. Mas tais tentativas parecem fadadas ao malogro. Os espaços privados assim consrtuidos não estão abertos para a república, mas para o aparelho: suas portas levam às garagens, suas janelas são telas de TV, e seus sonhos são consumidores. Não são espaços privados, "oikai", cujas janelas e portas dão para a praça do mercado. O que urge é construir espaços assim abertos. Para poder construí-los é preciso que se considere a dinâmica do mercado:

Platão pensa que o mercado serve a dois propositos: à troca de bens e à troca de ideias. A troca de bens constata dois tipos de valores: os valores de troca, e os valores intrínsecos. O valor de troca é relativo: o sapato vale uma dúzia de ovos. O valor intrínseco é o grau pelo qual uma ideia foi realizada na obra: o sapato é mais ou menos "perfeito". Destarte a troca de bens é "política": constata "normas", normaliza. A normalização se faz graças ao jogo das trocas: graças a um "navegar", "kybernein", nas

ondas da troca. O termo "gubérnein" resultou em dois conceitos modernos, o do "governo", e o da "cibernética". Para Platão "governar a república" é navegar nas ondas da troca e destarte normalizar. Para nos, no entanto, a normalização se faz ciberneticamente, e este aspecto do mercado, o da troca de bens, pode perfeitamente ser religado ao aparelho que funciona ciberneticamente; não necessitados de "governos".

O que conta para nos é o mercado enquanto lugar de troca de ideias. Platão crê que o diálogo é método para re-descobrir as ideias imutáveis que estão "esquecidas" no interior dos que dialogam. Trazê-las à luz, "meioiticamente". E tais ideias, uma vez lembradas, des-esquecidas, passam a ser as normas de acordo com as quais os bens são normalizados. A troca de ideias permite a troca de bens, lhe dá sentido. Nos não podemos mais, depois de Kant, compartilhar com Platão o conceito das ideias imutáveis. Para nos ideias são produtos de ideias prévias passadas pelo crivo da experiência. Por isto para nos a troca de ideias, (a "dialéctica"), é método para produzir ideias novas. O propósito do mercado, para nos, é ser lugar que permita a produção de ideias a informarem a troca de bens. Isto é "política" para nos: programação do aparelho cibernético com ideias elaboradas em troca. "Política" para nos é o encontro de homens privados que publicam afim de elaborar programas. E destarte dirigir o aparelho. Isto é "democracia" no sentido pos-industrial do termo: dirigir o aparelho e programá-lo graças à troca de ideias que leva a ideias novas. É tal a praça do mercado que nos interessa.

Os espaços privados a serem construídos devem estar abertos como a tal praça do mercado. A atual revolução dos meios de comunicação permite, desde já, que tais aberturas sejam realizadas. Exemplos: TV a cabo, telefone. São métodos para se dialogar a partir do espaço privado. Invertem o fluxo das informações nos canais de massa. Em vez de privatizarem o público, publicam o privado. Os novos espaços privados, dotados de tais meios de comunicação, projetariam de si a nova praça do mercado. Tal praça seria a rede de comunicações dialogicas que uniria espaços privados. O espaço público seria o tecido de relações intersubjetivas, e seria esse tecido que "governaria". Dispomos, desde já, de instrumentos que tornam possíveis tal governo, por exemplo de computadores. De memórias artificiais, e de processamento artificial de informação que permitem a implantação de "consenso" amplo. Podemos, desde já, programar o aparelho "politicamente" com os próprios métodos do aparelho. A "democracia pos-industrial" é, desde já, tecnicamente possível.

Tal espaço público, projetado a partir de espaços privados, seria, no entanto, "político" em sentido radicalmente novo. A "política" não seria, como o é tradicionalmente, combate dialéctico de interesses em

búscua de consenso. Seria combate de ideias em búscua de programação do aparelho. A diferença é esta: a política tradicional ~~um~~ <sup>é búscua de</sup> "senso comum" que é o denominador comum mais baixo dos participantes, (a "raison d'Etat" de Rousseau). A política pos-industrial seria búscua de síntese, de um programa "novo". Seria dialéctica no sentido exato do termo. A meta da política seria a produção dialógica de ideias novas. E isto implica que o espaço público pos-industrial projetaria, de si, um novo tipo de escola.

Não há como negar que escolas estão voltando a ocupar um espaço mais amplo que antigamente. Dada a crescente complexidade das informações disponíveis a juventude é obrigada a frequentar escolas mais demoradamente que no passado. Dada a efemeridade da validade das informações, os "especialistas" estão obrigados a voltarem periodicamente à escola, a se "reciclarem". E dada a necessidade económica de baixar a idade da aposentadoria dos funcionários, (desemprego etc;), muitos procuram preencher o tempo vazio, (não "livre"), voltando às escolas. Mas a análise precedente procurou mostrar que tais "escolas" não o são no sentido exato do termo: lugares de lazer de onde ideias são contempladas.

A praça pública acima esboçada projetaria, de si, um novo tipo de escola, lugar para um novo tipo de "theoria". Para Platão "theoria" é a contemplação de formas imutáveis. Embora ideias, para nós, não sejam imutáveis no sentido platónico, voltamos, curiosamente, ao conceito da forma imutável, à "estrutura". E dispomos de toda uma série de disciplinas à "contemplarem" tais estruturas. Duas dessas disciplinas são platónicas: a matemática e a lógica, e há terceira, a música, que Platão incluiria. É característica das escolas modernas que tais disciplinas são difíceis a serem enquadradas na organização de tais escolas. Mas surgiram, ultimamente, outras disciplinas "formais", tais como a informática, a teoria da decisão, a teoria dos jogos. O que tais teorias visam não é o repertório dos sistemas, (a sua "informação"), mas a sua estrutura, (sua "forma imutável"). São disciplinas que analisam sistemas. Pois a praça pública da sociedade pos-industrial projetaria, espontaneamente, um lugar para tais "theorias". Espontaneamente, porque a programação do aparelho com ideias novas exige que seu sistema seja analisado. Exige "teorias do aparelho". Tais escolas não serviriam, como o fazem as atuais, à distribuição de informações: isto pode ser relegado ao aparelho, por exemplo aos instrumentos "inteligentes". Serviriam à "contemplação das formas eternas" do aparelho. Seriam lugares de transcendência com respeito ao aparelho. E ao permitirem tais escolas a programação do aparelho, dariam significado ao seu funcionamento, e destarte à vida dos cidadãos da cidade do futuro.

.....



A reconstrução da cidade pos-industrial proposta é utopia platônica em dois sentidos do termo. 'É utopia platônica porque visa restabelecer a pirâmide hierárquica de níveis que Platão adverte. A cidade seria sustentada pelo nível econômico do ciclo absurdo. Tal nível seria, na cidade pos-industrial, o do aparelho e seu funcionamento. Funcionaria automaticamente, "ciberneticamente". O escravo seria o aparelho. Este nível sustentaria o espaço público, que seria projeção de espaços privados. Nele reinaria o clima da liberdade e o da produção de ideias. E o último propósito da política seria a abertura de um espaço teórico que permitiria dar significado à vida na cidade, um espaço de lazer, "scholé", e de sabedoria, "philosophia".

Mas, infelizmente, a reconstrução da cidade pos-industrial proposta é também utopia platônica em sentido diferente. Embora todos os meios técnicos para a sua construção estejam, desde já, disponíveis, não se vê como tal utopia possa realizar-se. 'É "utopia platônica" em sentido pejorativo. Para que se realize, seria preciso que se transforme nossa visão do homem, nossa antropologia. Para Platão o homem é ente cuja pátria verdadeira, embora perdida, é o "reino das ideias". 'É o "homo sapiens". Para a sociedade burguesa o homem é ente que modifica o mundo de acordo com ideias. 'É "homo faber". A antropologia que se formula atualmente vê no homem ente que consome o mundo. 'É "homo oeconomicus". Para que se possa reconstruir a cidade no sentido acima exposto seria necessário que se conceba o homem como ente que usa ideias como peças de um jogo. "Homo ludens". Embora haja indícios em prol de uma tal antropologia nova, outros indícios apontam em direção diferente. E inclusive é possível argumentar-se que a utopia aqui proposta é sintoma de decadência daquela sociedade que tem Platão por uma das suas raízes. Que é sintoma precisamente da previsão que Platão fez com relação a "libertação dos escravos". E que portanto a utopia proposta não passa de convite aos "outros", por exemplo ao dito Terceiro mundo, de eliminar, de vez, essa visão platônica do homem e da sociedade, da face da terra.

No entanto: embora utopia platônica em sentido pejorativo, a proposta não é mera fantasmagoria. Baseia-se em fatos. E o fato fundamental é a nossa abertura rumo à morte. Enquanto estivermos conscientes que o fato brutal da nossa morte torna absurda a nossa vida, e enquanto não nos contentarmos com tal absurdo, restará em nos a esperança de podermos resistir à autonomia do aparelho totalitário que está se preparando. A proposta aqui elaborada em base de leitura específica de Platão se quer articulação de tal esperança.